

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Licenciatura em História



Trabalho de Conclusão de Curso

O Artur de Bernard Cornwell: Entre a História e a Ficção

Daniel Soares Reyes

Pelotas, 2018.

Daniel Soares Reyes

O Artur de Bernard Cornwell: Entre a História e a Ficção

Trabalho de conclusão de curso
apresentada ao Instituto de
Ciências Humanas da
Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção
do título Licenciatura em História.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ana Inez Klein

Pelotas, 2018

Daniel Soares Reyes

O Artur de Bernard Cornwell: Entre a História e a Ficção

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Inez Klein (Orientadora)

Doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Paulo César Possamai

Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo.

Agradecimentos

Agradeço do fundo do coração a minha mãe, Zaira Maria, que deu todo o apoio e me encorajou a seguir em frente durante toda a minha jornada, não deixando que eu desistisse nos momentos mais sombrios, sempre presente, teu amor nunca foi pouco ou fraco, ele me fez crescer como pessoa, profissional e sem ele provavelmente não estaria aqui hoje. Muito obrigado por tudo! Te amo!

Não poderia faltar o agradecimento a Caroline por ter me aturado durante a produção dessa pesquisa, principalmente por me deixar usar a sua caixa de mensagens como bloco de notas, enquanto eu deixava de prestar atenção nos assuntos para começar a falar sobre o que faltava ler ou escrever, se existir próxima vida tenho certeza de que serás bem recompensada, mas como não tenho certeza disso espero que a minha amizade seja o suficiente.

E por fim agradeço a minha orientadora, professora Ana Inez Klein, por ter aceitado me guiar durante essa pesquisa e pelo apoio durante a produção, tenho certeza de que não estaria em melhores mãos. Muito obrigado!

Resumo

REYES, Daniel Soares. **O Artur de Bernard Cornwell: Entre a História e a Ficção.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Esta pesquisa visa apresentar uma comparação entre um Artur histórico e um Artur lendário, com base na obra “Crônicas de Artur” do autor inglês Bernard Cornwell. Partindo da análise de fontes do período em relação com a criação do personagem e de seu universo literário durante a idade média, apontando semelhanças e diferenças da obra em questão com as versões baseadas nas mesmas fontes. Com isso demonstrando o quão uma obra de cunho não acadêmico consegue dialogar com a história utilizando-se de fontes históricas para criar um universo mais próximo da realidade do período em que o personagem teria existido, sem alterar os acontecimentos relatados, de forma que o mesmo mantenha uma fidelidade histórica.

Palavras-Chave: artur de cornwell; história e a ficção;

Abstract

REYES, Daniel Soares. **Artur by Bernard Cornwell: Between History and Fiction**. Course Completion Work (Degree in History), Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

The present study aims to present a comparison between a historical Artur and a legendary Artur, based on the book trilogy "The Warlord Chronicles" by the english author Bernard Cornwell. Starting from the analysis of sources of the period, in relation to the creation of the character and its literary universe during the middle ages, pointing out similarities and differences of the book in question with the versions based on the same sources. This demonstrates how a non-academic search can dialogue with history using historical sources to create a universe closer to the reality of the period in which the character would have existed, without changing the events reported, so that the same maintain a historical fidelity.

Key-words: artur de cornwell; history and fiction;

Sumário

Introdução	7
Capítulo I	10
1.1. O Período em Questão.....	12
1.2. Fontes Históricas	16
1.2.1. Gildas e a sua Conquista	16
1.2.2. Nênio e a Sua “História dos Bretões”	16
1.2.3. Anais de Gales	17
1.2.4. Y Gododdyn	17
Capítulo II	18
2.1 A História e a Lenda	18
2.2 As Crônicas de Artur	18
Considerações Finais	30
Fontes.....	32
Referências	33

INTRODUÇÃO

Literatura fantástica e ficção histórica são temas que desde cedo me chamam a atenção, principalmente os que são ambientados na antiguidade e idade média. Livros que contêm essa temática têm grandes chances de me agradarem. Um autor que tem grande domínio sobre esse estilo é o inglês Bernard Cornwell. A primeira obra do autor que eu li foi “O Último Reino”, livro que dá início à saga das crônicas saxônicas, que tratam da invasão viking à Inglaterra, por volta do século VII d.C., e descrevem o surgimento do que seria o futuro reino da Inglaterra. Para esta pesquisa elegi as “Crônicas de Artur”, uma trilogia que fala sobre o período em que o mitológico Rei Artur teria existido. Fiz a leitura dessa obra durante o meu primeiro semestre da no Curso de Licenciatura em História e, pela riqueza de detalhes da narrativa junto com a diferença da mesma para as demais versões da lenda que eu conhecia, percebi que ali tinha potencial para uma abordagem sob o ponto de vista do historiador.

Desde antes de entrar no curso, ingressei em 2012 através do SISU, o meu interesse em história era grande, principalmente quando lia sobre o período romano e as cruzadas. Por isso, durante a faculdade, sempre tive a ideia de pesquisar algo relacionado à idade antiga ou média, as áreas que sempre me atraíram e que eu tinha afinidade. Em algum momento da minha trajetória percebi que a pesquisa tinha que ser sobre algo que eu gostasse, algo que fosse prazeroso de ser pesquisado e não que eu achasse que seria fácil de fazer ou que se adaptasse à linha de pesquisa do possível orientador, por isso resolvi pesquisar sobre o tema que me atraía desde o início da faculdade.

No momento que eu pensei no que eu queria fazer conversei com alguns colegas sobre qual professor poderia ter interesse na minha proposta de pesquisa. Após isso entrei em contato com a professora Ana Inez Klein, falando sobre a minha ideia e o que me motivava a isso, o que eu achava que dava pra ser feito e o modo como seria feito.

Organizamos o trabalho em duas partes: Uma tratando da relação da obra com a história e as fontes sobre o período e a segunda parte tratando da obra e as semelhanças e diferenças da mesma com algumas das versões mais famosas da lenda. Durante a pesquisa não encontrei nenhuma dissertação sobre essa obra específica, somente sobre outras obras que falam das lendas arturianas, tanto como fontes ou literatura, e sobre outros livros de Bernard Cornwell, tais como as “Crônicas Saxônicas”, que abordam as invasões dinamarquesas à Inglaterra, entre os séculos VIII e IX d.C., e “As Aventuras de um Soldado nas Guerras Napoleônicas”, que tem um título autoexplicativo.

Durante a pesquisa, o próprio Cornwell, com as suas notas no final de cada livro explicando as adaptações feitas e os motivos delas serem feitas, me deu uma boa ideia pra descrever a parte histórica do livro. Já para a parte literária lendária, uma autora me deu um contexto diferente. Marion Zimmer Bradley criou uma versão com uma base maior sobre a cultura celta e voltada para as personagens femininas da trama, mas infelizmente com pouca fidelidade histórica. A tese de mestrado de uma aluna da Unicamp, Juliana Sylvestre da Silva, sobre a matéria da Bretanha, o nome que se dá à coletânea de lendas do ciclo arturiano, me ajudou a falar sobre as obras feitas no século XII d.C. e que romantizaram os acontecimentos do período e as influências da escrita feita no tempo presente sobre o passado.

Conseguir colocar o que eu tinha em mente no papel de um modo simples e direto. Foi uma tarefa desafiante escrever sobre um período tão conturbado historicamente e um personagem com tantas versões literárias, criadas através dos séculos. Foi também um trabalho instigante. Essas fontes e as versões literárias serviram de apoio para o desenvolvimento da escrita, facilitando a compreensão e auxiliando na escolha do caminho que facilitasse a compreensão da ideia, tendo o cuidado para que a escrita não ficasse por ora sem sentido ou repetitiva, com o objetivo de deixar o pensamento desenvolver-se por si só.

CAPÍTULO I

Bernard Cornwell é considerado um dos mais importantes escritores britânicos da atualidade, pois produziu uma extensa obra de mais de 40 livros publicados até o momento. Várias de suas obras foram adaptadas para o cinema e para a televisão, como “As Aventuras de Sharpe”, que foi adaptada para a televisão na Inglaterra, com histórias protagonizadas pelo ator inglês Sean Bean e “The Last Kingdom”, protagonizada pelo ator Alexander Dreymon.

Bernard Cornwell nasceu em Londres em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, fruto de uma relação breve entre um aviador canadense, de classe média e de “a very pretty East End blonde in the Women’s Auxiliary Air Force”, como ele mesmo afirma em entrevista publicada no site do jornal The Telegraph.

Não há biografias que detalhem a vida do autor, provavelmente por ele estar ainda vivo, mas entrevistas do consagrado escritor publicadas em meio eletrônico, trazem alguns aspectos importantes que inspiraram suas obras. Segundo curto relato amplamente divulgado sobre a vida de Cornwell, ele foi adotado por uma família em Essex, Inglaterra, que pertencia à uma seita religiosa chamada “Peculiar People” e segundo o próprio Cornwell, tratavam-se, mesmo de pessoas peculiares. E seita foi fundada em Essex mesmo e sua denominação derivaria de uma frase contida em Deuteronômio 14:2, na versão da Bíblia conhecida como King James Version ou King James Bible, publicada em 1611: “For thou art an holy people unto the Lord thy God, and the Lord hath chosen thee to be a peculiar people unto himself, above all the nations that are upon the earth.”¹

A questão religiosa parece ter sido importante nas escolhas de Cornwell. Ele foi uma das cinco crianças adotadas por Joe e Marjorie Wiggins. Segundo Cornwell, Joe “was not a sadist. He genuinely thought he could beat

¹ Tradução: “Porque és um povo santo para o Senhor teu Deus, e o Senhor te escolheu para ser um povo peculiar para si mesmo, sobre todas as nações que estão sobre a terra”.

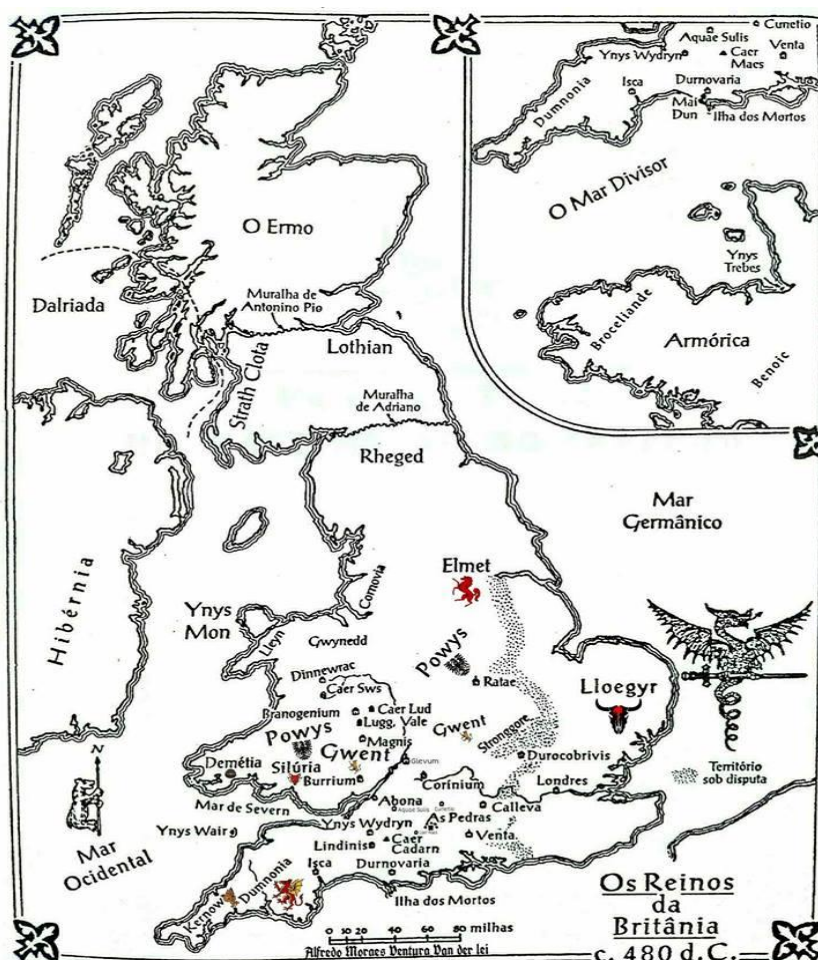
God into me."² Como resposta a esta tentativa forçada de conversão, Cornwell decide estudar teologia na Universidade de Londres, onde. Posteriormente Cornwell foi para a rede de televisão BBC, onde trabalhou por 10 anos, começando como um pesquisador no programa Nationwide até ser o Chefe de Assuntos Televisivos Atuais da BBC, na Irlanda do Norte.

Sua vida como escritor teria sido motivada por uma razão prática: como sua futura esposa Judy não podia se mudar para a Inglaterra por questões familiares, então Bernard foi para os Estados Unidos onde lhe foi recusado o Green Card. Ele decidiu ganhar a vida como escritor, ofício que não necessitava de permissão do governo dos EUA. Bernard e Judy se casaram em 1980, permanecem casados e vivendo nos Estados Unidos.

O autor tem seus livros publicados, no Brasil, pela editora Record. Sua série mais extensa, As Aventuras de Sharpe, é formada por mais de 20 livros. Atualmente estão em fase de tradução as obras sobre Sharpe e as Crônicas Saxônicas, da qual já foram publicados os 10 livros da. Esta série terá mais livros, ainda não publicados pelo autor.

Cornwell usa mapas para ilustrar os seus livros, cada um deles vêm com no mínimo um mapa que detalha a localização dos acontecimentos da saga. Um exemplo disso é o mapa abaixo que retrata onde ficavam os reinos britânicos, suas cidades e a área de domínio saxão no livro que abre a sua trilogia, chamada "Crônicas de Artur", o "Rei do Inverno".

² "não era um sádico. Ele realmente pensou que ele poderia vencer Deus em mim."



1.1. O período em questão

O período e o local em que a lenda de Artur se passa é um momento peculiar na história. Ela surge em um momento em que existe um vácuo de poder na Britânia devido à iminente queda do império romano do ocidente frente às invasões dos bárbaros germânicos. Graças ao fim da política de conquista levada a cabo pelo império durante séculos, as legiões deixaram de ter a sua função principal, que era a conquista e expansão do território, para assumir uma posição mais defensiva e mais fixa em relação à sua função anterior.

A Britânia romana tinha três legiões sediadas em seu território destinadas a lidar com as rebeliões locais e invasões dos povos não conquistados, mas a presença de tamanha força militar nas mãos de um governante ambicioso era um convite à insurreição. Por causa disso, diversas

vezes, estouraram revoltas em seu solo, orquestradas por usurpadores, o que levou diversos imperadores a dividirem essa província, primeiro em duas regiões e logo em seguida em quatro regiões, cada uma com o seu governante.

Com o fim da política de conquista romana na Britânia, a construção da muralha de Adriano e, logo em seguida, a de Antonino, o limite da expansão romana nas ilhas, foi definido; não mais se expandiria rumo o norte, mas, sim, manteria uma praça forte para impedir invasões vindas do norte. Assim as legiões passaram a manter um papel de vigia constante em todas as províncias, que transformou os seus governantes em meros expectadores dos acontecimentos que ocorriam no continente. Alguns deles passam a desenvolver ideias de ascensão através do poder militar.

Várias rebeliões estouraram na Britânia já que essas três legiões eram uma considerável força de combate e, junto com a ambição de seus comandantes, poderiam ser direcionadas para a conquista do trono romano. Dois usurpadores tem influência direta nos acontecimentos que levaram às invasões saxãs. Magno Máximo e Constantino III eram governantes da ilha e tinham desejos de ascender além da sua posição presente. Ambos queriam as glórias imperiais e viram nas constantes invasões e trocas de imperadores a chance de tentar assumir o trono.

No final do século IV Magno Máximo foi um usurpador romano que antes de chegar ao cargo máximo do império romano, se torna governador e comandante das legiões situadas na Britânia no final do século IV, quando retirou as mesmas da ilha, em busca de apoio militar ao seu golpe de estado. Após a sua retirada, as forças que ficam na ilha têm um número baixo de soldados, se comparados aos números que o mesmo leva ao continente, deixando apenas soldados suficientes para garantir a pacificação das províncias.

No início do século V outro comandante segue os passos de Máximo, Constantino III retira as forças militares romanas da Britânia e as leva rumo ao continente, com o desejo de se alçar ao cargo de imperador através das armas,

deixando assim a ilha sem uma influência imperial direta. Após quase quatro séculos de domínio romano ininterrupto sobre os povos esse controle foi enfraquecendo, com o passar do tempo, até que ele, finalmente, retirado, deixa os britânicos sem uma defesa organizada e encarregados de lidar com os seus vizinhos não romanizados.

Com a saída do poder militar romano da ilha abriu-se uma brecha para os britânicos, alguns deles romanizados, tomarem de volta a sua independência. Mas este vácuo de poder levou a lutas entre esses reinos, que antes viviam sobre as leis romanas e agora estavam por si só. Enquanto os reinos lutavam entre si por territórios e escravos, cada um tentando aumentar ainda mais os seus domínios, os antigos inimigos, que foram mantidos à distancia pelos romanos, pictos e escotos, aproveitaram para entrar no território e saquear os reinos recém-independentes.

Neste contexto de brigas internas e invasões externas levou a uma decisão equivocada de um desses reis bretões, Vortigerno, que opta por contratar mercenários do continente para conter as invasões e vencer os seus adversários. Na metade do século V chegam os primeiros barcos saxões à ilha. Atraídos pelas promessas de terras para assentamentos e, também, de alimentos para suas famílias, os mercenários atacam a costa oriental da ilha britânica assegurando, assim, que os pictos não fizessem mais incursões rumo ao sul e, por consequência, aos reinos britânicos.

Os saxões eram guerreiros experientes, muitos deles lutaram sob a bandeira romana no continente e também contra os romanos. Conheciam suas táticas de guerra e as adaptaram ao seu próprio estilo, eram guerreiros treinados e sem nada a perder, quando aceitaram o convite bretão. Sua terra natal sofria com a chegada de um novo povo em expansão que vinha do leste, os hunos, que iam empurrando outros povos em direção ao já enfraquecido império romano. Os saxões viram no convite de Vortigerno a chance de ter a sua própria terra livre de constantes invasões.

Após os saxões conterem a ameaça dos pictos, acabam criando assentamentos nas terras do norte da atual Inglaterra, perto das muralhas de

Adriano e de Antonino, e também na região leste, na costa do mar do norte, com o pretexto de que seria um escudo contra possíveis futuras invasões e, desse modo, a ameaça vinda do norte seria neutralizada. Quando asseguraram as defesas do norte e as praias da costa leste e ganharam as terras para criar os assentamentos, enviaram emissários para sua terra natal, falando de como a terra era fértil e como os seus donos eram fracos e poderiam ser subjugados.

Com a promessa de terras férteis, inimigos fracos e comida farta, cada vez mais barcos atravessavam o mar do norte e chegavam à costa leste do que hoje é a Inglaterra. De tantos barcos que vinham e tão fácil que era chegar à estas terras, o trecho de mar entre a ilha e o continente acabou recebendo o nome de mar saxônico. O domínio britânico foi sendo minado por guerras internas e por esse inimigo externo, que se aproveitou da fraqueza dos governantes para expandir-se cada vez mais rumo ao oeste e ao norte, empurrando ainda mais as fronteiras dos reinos britânicos para o interior da ilha.

Durante quase quatro séculos os saxões tiveram um constante avanço rumo ao lado oeste da ilha, conquistando, pouco à pouco, porções de terras dos já enfraquecidos reinos britânicos, até chegar ao que hoje é o atual País de Gales, onde o seu avanço foi contido pelo terreno pobre e montanhoso, diferente das terras anteriormente conquistadas. Durante todo esse período, movimentos de resistência foram surgindo em diferentes pontos da ilha, alguns coordenados, outros isolados, mas nenhum deles conseguiu reverter a perda das terras britânicas para os saxões, que se tornaram os senhores absolutos da terra, até a chegada dos normandos no século XI.

1.2. Fontes Históricas

O acesso às fontes se deu por meio de traduções feitas por um professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Ricardo da Costa, em um livro contendo diversos textos traduzidos do período medieval. Isso facilitou a pesquisa das fontes e a forma de observar como elas influenciaram a escrita da obra base deste trabalho.

1.2.1. Gildas e a sua conquista:

A primeira citação a um comandante guerreiro que pode ser Artur é na “Derrota e Conquista da Britânia” de Gildas, um monge galês que escreveu sobre as batalhas pelo controle da Britânia desde a invasão romana no século I a.C. até o presente momento, no século VI d.C.. Apesar disso no período em que corresponderia à existência de um senhor da guerra chamado Artur, o autor fala mais sobre os defeitos dos reis do que sobre os acontecimentos desses reinados.

Por várias vezes o autor compara a Britânia ao reino de Israel, no antigo testamento, o mesmo crê que essa terra é escolhida por Deus e os males que a mesma sofre são em decorrência de seus degenerados governantes. Gildas cita a batalha de Monte Badon como a que parou o avanço saxão durante uma geração inteira, mas não fala sobre os seus comandantes, somente descreve que com a ajuda de Deus os inimigos foram derrotados.

1.2.2. Nênio e a sua “História dos Bretões”.

No final século VIII Artur é citado pela primeira vez em uma fonte histórica, através da escrita do monge gales Nênio, como um comandante guerreiro, um senhor da guerra, não como um rei, que venceu doze batalhas em diversos cantos da ilha e do continente. Como essa obra é feita praticamente três séculos depois dos acontecimentos, é provável que o autor tenha se baseado em contos sobre os acontecimentos para ilustrar os personagens que participaram desse período histórico.

Partindo de fontes orais e também das descrições de Gildas, a obra de Nênio, diferente de seu contemporâneo, tem um enfoque voltado para batalhas

lutadas por Artur, que segundo suas anotações se estendem por toda ilha, desde as florestas escocesas até o entorno da atual Londres.

1.2.3. Anais de Gales:

É uma coletânea de escritos de diversos autores relatando acontecimentos na Britânia, desde batalhas, passando por pragas e inclusive falando sobre reis e os seus governos. É uma fonte importante para o estudo da baixa idade média na ilha, cobrindo um período de quase seiscentos anos de acontecimentos. É um documento que trás duas referencias a batalhas que Artur teria tido participação, uma em torno de 516 ou 518 d.C, que seria a Batalha de Monte Badon, a batalha que parou o avanço saxão, e outra entre 537 ou 539 d.C., que seria a Batalha de Camlann, motivada por uma possível guerra civil onde havia duas facções que desejavam o poder, em que Artur e Mordred lutam até a morte.

1.2.4. Y Gododdyn:

A citação mais antiga é no poema épico do século VI *Y Gododdyn*, que narra as batalhas desse povo contra os saxões e onde aparece uma referencia a um comandante chamado “Guaurthur” que matou mais de 300 inimigos em uma batalha sem sofrer nenhum ferimento e levou seu exercito a glória. O poema cita batalhas ocorridas onde hoje seriam o norte da Inglaterra e o sul da Escócia, mostrando uma boa distancia de onde se passa a maior parte da lenda, que combinado com outras fontes da época da a entender que Artur era um comandante de cavalaria, por isso tinha facilidade de mover as suas tropas a diferentes regiões.

CAPÍTULO II

2.1. A História e a Lenda

“Há muito e muito tempo, numa terra chamada Britânia, estas coisas aconteceram. O bispo Sansum, a quem Deus deve abençoar acima de todos os santos vivos e mortos, diz que estas memórias deveriam ser lançadas no poço sem fundo junto com todas as outras imundícies da humanidade decaída, pois são histórias dos últimos dias antes que a grande escuridão naixasse sobre a terra que chamamos de Lloegyr, que significa Terras Perdidas, o país que um dia foi nosso, mas que nossos inimigos agora chamam de Inglaterra. Estas são as histórias de Artur, o Senhor das Guerras, o Rei que Nunca Existiu, o Inimigo de Deus e — que o Cristo vivo e o bispo Sansum me perdoe — o melhor homem que conheci. Como chorei por Artur!” CORNWELL, Bernard. O Rei do Inverno, p.15).

2.2. As Crônicas de Artur

Nesse contexto histórico, quase um século depois de o primeiro barco saxão chegar à Britânia, é que a história de Artur está localizada. Pouco se sabe sobre suas origens ou sua morte. A maior parte do que existe sobre ele foi escrita séculos depois de sua existência. Sua fama deve-se às fontes orais, tais como poemas e canções, que narram as batalhas de um valoroso comandante guerreiro, um senhor da guerra, que uniu os enfraquecidos reinos bretões sob dois objetivos: expulsar os saxões e retomar a ilha ao controle britânico.

Artur é celebrado, através dos séculos, como um grande rei que venceu importantes batalhas e, durante o seu governo, garantiu a paz e a prosperidade de seu povo, criando um reino de tranquilidade e beleza, onde a felicidade não acabava e o medo era uma mera lembrança do passado. Este reino recebeu o nome de Camelot. Essa descrição do lendário e benevolente rei guerreiro surgiu com força a partir do século XII através de um poeta francês, Chrétien de Troyes, e se espalhou pelos séculos a seguir. O universo de personagens desta lenda foi se expandindo, abrangendo contos de origem celta e de outros povos britânicos, em uma mesma narrativa.

Bruxas, magos, feitiços, cristianismo, cavaleiros em armaduras brilhantes, adultério e incesto, esses são elementos recorrentes em algumas versões da lenda. A sua versão mais famosa escrita no século XV por Thomas

Mallory agrega todos esses elementos e adiciona alguns mais, tais como a busca do Graal e Artur como um rei cristão. Nessa versão Camelot é um reino cristão ameaçado pelo paganismo e os saxões seriam uma praga enviada por deus para punir o rei por não ter declarado o cristianismo como a única fé verdadeira. Com esta base a trama descreve a vida da corte, com uma localização histórica que é remetente ao período em que a mesma foi escrita ao invés do período em que a lenda deveria se passar.

Com uma versão mais fiel às fontes históricas, Bernard Cornwell apresenta nas suas “Crônicas de Artur”, um Artur mais humano e, por sua vez, mais plausível de ter existido, fazendo o oposto das lendas sobre esse herói, tirando boa parte do caráter de governante predestinado e colocando o foco em torno de sua habilidade como comandante militar. A trama se desenvolve utilizando como base fontes escritas próximas ao período em questão como, por exemplo: “Derrota e Conquista da Britânia” de Gildas, “História dos Bretões” de Nennio e também os “Anais de Gales” uma coletânea com diversos autores, além de alguns poemas escritos no próprio período em que a lenda se passa, como o épico “Y Gododdin”, poema que narra a luta do povo celta contra os saxões e tem um trecho dedicado às vitórias de Artur.

A magia, que em todas as versões da lenda é indispensável à história, faz-se presente quando Uther invade o castelo de Tintangel e engravida Igraine após Merlin fazer um feitiço para o mesmo assumir a forma do marido de Igraine, morto em batalha momentos antes. Nesta versão de Cornwell a magia é meramente subjetiva, uma mistura de superstição, coincidência e ciência primitiva. Fica a cargo do leitor decidir se os acontecimentos são influenciados pela magia ou simples fruto da inteligência humana em aproveitar-se da inocência dos crentes no oculto. Merlin, por exemplo, não é apresentado por Cornwell como um bruxo poderoso e, sim, um Druida famoso por seus conhecimentos e habilidades.

Utilizando mapas de como a Britânia se dividia nesse período o autor situa a sua história de modo temporal e local, apontando onde ocorrem os eventos citados no desenrolar da trama, não deixando a cargo do leitor

imaginar onde ficariam as regiões e cidades citadas na história. Ainda por cima, o autor faz uma lista das localizações citadas no mapa com nomes da época e os seus nomes atuais, além do país em que as mesmas fazem parte. Nas notas que o autor escreve ao final de cada livro, são citadas as adaptações que foram feitas sobre as informações das fontes do período, pois as mesmas deixaram lacunas em certos trechos do período.

Os reinos bretões eram parecidos em questão de linguagem, mas tinham grandes diferenças na questão cultural e religiosa. Os reinos que se localizavam no sul da ilha tais como, Dumnonia e Gwent, principalmente o segundo, foram largamente controlados pelos romanos e, mesmo após a saída romana da ilha, sua influência continuou presente na forma como o governo se organizava, também, na religião a ser seguida. Os reinos que ficavam no interior da ilha, Powys, Siluria, Kernow, entre outros, tiveram pouco contato romano, então quando as legiões voltaram para o continente o povo voltou a viver do mesmo modo que os seus ancestrais pré-romanos, adorando os deuses antigos e com uma organização mais rústica, com quase nenhuma burocracia.

As descrições dos locais na obra de Cornwell são precisas e citam como mesmo eram, de acordo com o período em questão. As cidades romanas com os seus monumentos feitos de pedra cortada simetricamente, tais como estradas, fortificações, templos e palácios são descritos na visão de um povo que perdeu a habilidade de trabalhar com esse tipo de material. As obras existentes em bom estado de conservação são restauradas de acordo com a habilidade dos habitantes, que nem chega perto da dos construtores originais, e mostra como essas obras são tratadas por cada povo. Enquanto nos reinos mais romanizados elas são largamente utilizadas, nos menos romanizados elas foram preteridas pelas fortalezas antigas de terra e madeira, que são de mais fácil manutenção:

“Glevum, assim que me acostumei com o fortíssimo fedor de adubo feito de bosta humana, era maravilhosamente estranho. Afora algumas vilas que tinham se tornado sedes de fazenda nas propriedades de Merlin, esta era a minha primeira vez em num local propriamente romano, e fiquei boquiaberto

diante das visões como se fosse um pinto recém-nascido. As ruas eram pavimentadas com pedras que se encaixavam, e apesar de terem se estragado bastante durante os anos desde a partida dos romanos, os homens do rei Tewdric tinham feito o máximo para consertar os danos, arrancando as ervas daninhas e varrendo a terra para que as nove ruas da cidade parecessem rios pedregosos na estação da seca. (...) As construções romanas eram todas juntas e feitas de pedra e estranhos tijolos estreitos, ainda que no decorrer dos anos algumas tivessem desmoronado, deixando áreas cheias de entulho nas longas fileiras de casas baixas que eram curiosamente cobertas de telhas de barro cozido.” (CORNWELL, Bernard. O Rei do Inverno, p.65).

Durante a leitura da obra em questão e as fontes que a inspiraram o autor não usou uma fonte específica pra falar sobre a lenda, mas pesquisou e analisou várias fontes disponíveis, vendo onde cada uma delas tinham semelhanças e diferenças, escolhendo assim o caminho mais fiel à história para encaixar a parte ficcional da trama. Todas as fontes, tanto as históricas quanto as literárias têm seus pontos em comum. Algumas delas citam Artur como um comandante de cavalaria, outras mostram as batalhas que o mesmo travou na ilha e que, devido à distância entre elas, é bem possível de crer que a cavalaria cobriria essa distância com bastante facilidade, sendo assim cria-se um ponto de concordância.

Essa obra, diferente das versões mais famosas do Rei Artur, leva em conta as fontes históricas. Nelas Artur não é descrito como Rei, mas sim como um “Dux Bellorum”, um “Senhor da Guerra” por tradução livre, um homem que assume o poder não por ter uma linhagem sanguínea que o destinava a isso, mas sim por suas habilidades em liderar homens em combate. A trama se desenvolve em torno dessa situação, apresentando o personagem não como um pretendente ao trono de Dumnonia, o reino que Uther governa, mas como um guerreiro que fez fama através da sua habilidade com a espada e que, agora, combate contra a invasão dos francos aos territórios bretões, na Europa continental.

Na versão de Artur de Cornwell chama a atenção também o modo como a história é tratada. Artur não é o foco da narrativa, passa a ser um personagem secundário, onde todas as suas ações são observadas, através

de um interlocutor, guiado pelo autor, oportunizando ao discorrer sobre a história de uma forma mais fluída. Durante a leitura, Artur nunca é visto em primeira pessoa, sua história não é contada através de seu próprio ponto de vista, mas são apresentados os pontos de vista dos guerreiros que o acompanham, dos inimigos que o enfrentam, dos amigos e dos amores que convivem com ele no seu dia a dia.

O personagem principal, e ao mesmo tempo narrador dessa trama, é Derfel, um saxão que foi capturado quando menino em seu vilarejo natal, por um grupo de guerra bretão, para ser usado como sacrifício humano em agradecimento à vitória desse empreendimento, mas que, por um descuido do sacerdote encarregado desse ritual, consegue escapar, com vida. Por consequência desse acontecimento, ele logo é adotado pelo druida Merlin, que reunia crianças com uma ligação com os deuses: sobreviventes de naufrágios, incêndios entre outras tragédias, pois o mesmo acreditava que essas crianças teriam mais facilidade no contato com os deuses, podendo assim virar futuramente Druidas e Sacerdotisas.

A representação do personagem lendário nessa trama chama a atenção pelo modo como o mesmo é apresentado quando comparado com as demais versões sobre o Rei Artur. Ele é sensato, não se deixa levar pela influência religiosa, nem pela fome de glória, diferente da versão de Mallory onde Artur é representado como um rei cristão que no final de sua vida inicia uma busca pelo Santo Graal, que, quando descoberto, traria paz a Camelot. Na obra de Cornwell, Artur é descrito como um governante justo e honesto, que acredita na justiça dos homens no lugar da justiça divina, que somente o ser humano é responsável pelo seu destino, não os caprichos dos deuses. Um homem que deixa bem claro que o dever de um soldado é defender o povo e não explorar esse povo:

“— Lutar batalhas em nome de pessoas que não podem lutar por si mesmas. Apreendi isso na Bretanha. Esse mundo miserável é cheio de pessoas fracas, pessoas sem poder, pessoas famintas, pessoas tristes, pessoas doentes, pessoas pobres e a coisa mais fácil do mundo é desprezar os fracos, especialmente se você é um soldado.

Se é um guerreiro e quer a filha de um homem, simplesmente pega-a; se quer a terra dele, simplesmente mata-o; afinal de contas, você é um soldado e tem uma lança e uma espada, e ele é apenas um homem pobre e fraco com um ancinho quebrado e um boi doente, e o que vai impedir você? — Ele não esperou uma resposta para a pergunta e continuou andando em silêncio. Tínhamos chegado ao portão do oeste e a escada feita de troncos cortados que ia até a plataforma acima do portão estava ficando branca com a geada nova. Subimos lado a lado. — Mas a verdade, Derfel — disse Artur quando chegamos à alta plataforma —, é que só somos soldados porque aquele homem fraco nos torna soldados. Ele planta o grão que nos alimenta, ele curte o couro que nos protege e corta o freixo que faz nossos cabos de lanças. Nós lhe devemos o serviço.” (CORNWELL, Bernard. O Rei do Inverno, p.185-186)

O Artur de Cornwell é um comandante que entende que o soldado só é soldado porque tem todo um aporte por trás, que lhe livra das preocupações de um homem comum, e permite a dedicação necessária ao aprendizado da luta com espada, lança e escudo. O parágrafo anteriormente citado exemplifica pelo que deve lutar o soldado, pra assegurar que a vida e o trabalho do homem comum, sejam valorizados. É raro ver esse tipo de preocupação em diversas obras literárias e fontes históricas, o homem comum é raramente citado, e quando é citado pouco se fala sobre ele, como a plebe ou os camponeses. As glórias são todas destinadas aos grandes reis e seus valorosos guerreiros, que vencem batalhas e matam inimigos, na mesma proporção que um agricultor ceifa o trigo.

Não é algo comum ver uma obra política e com valor identitário em que os personagens se preocupam com a situação do povo em questão. A historiografia tradicional e a literatura épica são mais voltadas para o que acontece dentro dos muros dos castelos, das paredes dos palácios e todos os dramas das cortes, focada no topo da pirâmide social e, poucas vezes, falando de sua base. As crônicas apresentam não somente os grandes guerreiros de linhagens nobres, mas também os homens comuns que vivem fora desse círculo da nobreza e como alguns desses saíram do seu lugar comum, e

galgaram seu caminho, utilizando-se de uma combinação de capacidade e sorte.

O foco da história é para os acontecimentos que levam as guerras; as tensas relações entre os diversos reinos bretões, a tensão religiosa entre as religiões locais e as que foram trazidas pelos romanos e por fim a crescente ameaça saxã, que aumenta ano após ano com a chegada de novos navios à costa britânica. Esses fatores são o cerne principal da história, que parte do ponto em que o reino perde o seu líder militar e por consequência abre um vácuo de poder, que acarreta em toda uma gama de situações.

As crônicas se dividem em três volumes que são “O Rei do Inverno” seguido de “O Inimigo de Deus” e o livro que encerra a trilogia “Excalibur”. Cada volume é focado em um período da vida de Derfel, que trás a visão do governo de Artur e as relações entre os reinos bretões e as religiões existentes, além, é claro, da constante ameaça saxã. A série abrange um período em torno de sessenta anos, com cada volume abordando um ponto diferente da vida do mesmo, desde a volta de Artur à Britânia, passando pela sua ascensão como comandante militar, às disputas entre os reinos bretões pela liderança na guerra contra os saxões, às desavenças entre o cristianismo romano e os sacerdotes druidas e, encerrando com as batalhas contra os saxões, pelo controle da ilha.

O primeiro volume é focado nas disputas entre os reinos britânicos, apesar de ocorrerem combates contra os saxões, descrevendo como esses reinos se relacionavam, onde se localizavam e também o modo como dividiam o poder entre si, tanto nas questões de governo quanto nas questões militares. O livro apresenta Artur como um personagem renomado pelas suas ações no campo de batalha, tanto como comandante como soldado, que por ser um bastardo não tinha direito de assumir legitimamente o trono como um rei. Devido às circunstâncias ele acaba virando o senhor da guerra, encarregado pelos exércitos britânicos.

O segundo volume avança vinte anos no tempo e apresenta um Artur já consolidado como o máximo comandante militar, vencedor de diversas

batalhas e líder indiscutível da resistência bretã. Neste livro a questão religiosa assume o protagonismo, apresentando a saga de Merlin em busca de reencontrar os deuses que partiram com a chegada dos romanos e o cristianismo em frenesi, com a chegada do ano quinhentos. O “Inimigo de Deus” tem o seu foco direcionado para a divisão religiosa que atinge a Britânia, pois os reinos com forte presença romana foram cristianizados, enquanto os reinos que tiveram pouca presença, logo voltaram a adorar os seus deuses pré-romanos. Isto tudo gera conflitos tanto nas grandes cidades quanto no interior e mostra as relações dos personagens com as diferentes religiões.

“Excalibur” é o livro que fecha a trilogia e mostra como os saxões se aproveitaram de todas as disputas internas, tanto militares quanto religiosas, que afetaram o exército britânico e formaram um grande exército para garantir de vez a sua hegemonia e expandir ainda mais, rumo ao oeste, o seu domínio territorial. Os acontecimentos da trama abrangem quase quarenta anos e abordam, com detalhes, as batalhas de Monte Badon e de Camlann, sendo a primeira a luta que garantiu que os reinos ficassem em paz durante uma geração inteira, sem sofrer ameaças de um grande exército saxão e a segunda é a batalha que define o final da trama de Artur, quando o reino cai de novo em uma guerra civil e o personagem é obrigado a lutar contra Mordred, pelo poder.

Durante os três volumes a descrição da história é feita pelo ponto de vista de Derfel agora um homem de idade avançada, convertido ao cristianismo e vivendo em um monastério, recebe a visita de uma rainha britânica que lhe pede para escrever sobre Artur. Quando a mesma descobre que ele foi um dos guerreiros que conviveu e fez parte do seu círculo de amigos. Alternando ora entre narrador e personagem, Derfel contextualiza, como o mesmo diz “a real história de Artur, diferente daquelas que os bardos cantavam onde cavaleiros em brilhantes armaduras e belas donzelas viviam e amavam em uma terra cheia de prosperidade e paz”.

“Igraine é nossa rainha, casada com o rei Brochvael.(...) Conversa comigo porque gosta de ouvir as histórias de Artur, e no verão passado contei tudo o que pude lembrar e, quando não pude lembrar mais, ela me trouxe um maço de pergaminhos, um frasco de tinta feito de chifre e um feixe de penas de

ganso pra escrever.(...) Mas não creio que mesmo a amizade de Brochvael faria Sansum se reconciliar com a ideia de o irmão Derfel escrever um relato sobre Artur, o Inimigo de Deus, e assim Igraine e eu mentimos ao santo abençoado dizendo que estou escrevendo uma tradução do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo para a língua dos saxões.” (CORNWELL, Bernard. O Rei do Inverno, p.16).

A trama das crônicas começa no ano de 480 d.C. com o nascimento de Mordred filho de Mordred e neto de Uther. Cornwell adaptou a linhagem de Artur de modo que Mordred não é filho do mesmo e fruto de uma relação incestuosa com Morgana, uma de suas irmãs, mas sim é filho de um irmão mais velho do personagem. Esse nascimento marca a continuidade da linhagem de Uther e define os acontecimentos no decorrer da série, definindo a ordem de sucessão do trono de Dumnonia, o maior dos reinos bretões e líder na luta contra a ameaça saxão, quem sentasse no trono automaticamente teria poder e influencia sobre os outros reinos.

Nesse momento é citado que Artur não está mais na Britânia, mas sim do outro lado do canal da Mancha lutando sobre a bandeira do rei Ban de Benoic. Um dos reinos britânicos no continente, junto com Broceliande, contra a expansão franca, sob o comando de Clóvis I, na antiga província romana da Gália e por consequência sobre as terras bretãs. O mesmo foi expulso por seu pai devido à morte do príncipe e por consequência herdeiro do trono Mordred durante um combate contra os saxões do rei Aelle. Uther acreditava que Artur tinha envolvimento direto na morte do príncipe por desejo de assumir a coroa para si futuramente.

Através de conversas entre personagens secundários é esclarecido que a morte do príncipe Mordred não foi culpa de Artur, mas sim por imprudência do mesmo durante o combate, que desejava tomar para si as glórias pela vitória. Assim ele é representado como um expatriado que lhe foi negado o direito a permanecer na ilha. Com a velhice de Uther e a idade prematura do príncipe recém-nascido, através de um conselho dos reis bretões é decidido que Artur deveria voltar a Britânia e assumir um lugar no conselho de regentes

e também atuar como um dos guardiões do príncipe até que Mordred tivesse idade suficiente para assumir o seu lugar como rei de Dumnonia.

Com isso o se inicia uma época de conflitos internos e externos. Internos por parte de membros do conselho que desejavam crescer em poder aproveitando a fraqueza do reino mais forte, e externos pela constante ameaça saxã representada pelo rei Aelle, que via na aliança com esses reinos descontentes a chance de expandir ainda mais o seu território. Nesse livro são apresentados a maior parte dos personagens, tais como Merlin, Guinevere, Lancelot, Tristão, entre outros, junto com as localidades em que a lenda se passa, com mapas descrevendo com detalhes o sul da atual Inglaterra e o noroeste da atual França.

Durante a leitura percebe-se o modo como o autor tenta criar uma proximidade com o que é relatado nas fontes; como as vestimentas, as construções, as armas, as táticas de batalha e o modo como eram tratadas as diferentes religiões. A obra em si tenta se manter fora de um viés religioso, procurando manter uma visão histórica sobre os acontecimentos. Na sua versão mais famosa, “A Morte de Artur” de Thomas Mallory, feita no século XV, a lenda tem toda uma visão cristã no modo de retratar o período, diferente do que teria ocorrido na realidade, quando o cristianismo não tinha a força que atingiu quando a obra foi escrita.

Outro ponto que chama a atenção é a caracterização dos personagens. Cornwell não poupa detalhes para descrever o modo como os personagens se vestiam, sejam o modo dos vestidos das mulheres, as armaduras dos guerreiros e até o que vestiam os escravos, tudo é descrito de modo condizente com o período em que a lenda se passa. Não existe em nenhum momento da trama um Artur equipado com uma armadura feita de placas de aço, praticamente um homem feito de metal, como ele é comumente retratado, mas, sim, utilizando uma armadura de pequenas placas metálicas cozidas sobre uma armadura de couro, do mesmo jeito que os comandantes romanos usavam durante alguns séculos.

O modo como os exércitos lutavam também recebem uma boa descrição. As formações que usavam e o significado das mesmas, não são simplesmente uma massa de soldados indo contra outra massa de soldados. O autor explica que as paredes de escudo foram uma das heranças deixadas pelos romanos quando saíram da ilha. As armas utilizadas pelos soldados também não eram obra do acaso, a maioria lutava usando lanças ou machados, porque essas armas não eram somente de uso militar, poderiam ser usadas no dia a dia do camponês, afinal fora do período de guerra, cada soldado tem uma ocupação, poucos são os que servem fora da temporada de batalhas.

Espadas eram equipamentos usados pela elite dos exércitos, homens que desde a infância eram treinados para a guerra. Estes compunham a força central dos exércitos, então quando se escreve que um exército tinha uma força de cinco mil homens, nem todos esses eram soldados por profissão, na sua maioria acabavam servindo para fazer número. Essas tropas eram chamadas pelos saxões de fyrd, eram compostos por homens livres, como agricultores e artesãos, responsáveis pelas suas próprias armas e mantimentos. Por esse motivo que a maior parte desses homens levava armas que eram também ferramentas de trabalho ou de caça, tais como machados, lanças e forcados.

A cavalaria era uma unidade ainda mais selecionada e cara do que os soldados comuns, pois exigia um treinamento ainda mais árduo. Era necessário além do treinamento no combate com armas, saber lutar enquanto monta um cavalo e não um animal qualquer, mas uma raça criada e treinada durante toda vida para ser usada como uma arma de guerra. Eram precisos anos para treinar os homens e os animais para essa unidade de elite dos exércitos. As fontes do período citam que Artur é um comandante de cavalaria, o que faria sentido, para um homem de tão alta posição na hierarquia militar ter sob o seu comando tropas de cavalaria e não somente tropas de infantaria.

Nas suas “Crônicas de Artur” Cornwell traça toda uma descrição sobre os lugares e as pessoas através das descobertas do personagem de Derfel.

Desde a sua infância quando o mesmo era um noviço a serviço de Merlin, passando pela vida adulta quando vira um lanceiro jurado a Artur, e encerra-se com as suas memórias quando o mesmo se torna, já em idade avançada, um monge em um monastério isolado. Com isso o autor familiariza o leitor através da ótica de quem viveu durante esse período, pegando toda a informação contida nas fontes escritas, nos poemas e colocando como se fossem as experiências de uma pessoa que viveu inserida naquele ambiente.

Trazendo a visão sobre um Artur que se torna mais simples de ser encaixado no período histórico em que o mesmo é retratado, deixando para trás toda a alegoria criada pelos escritores dos séculos seguintes a esse período para adequar o mito a sua própria realidade. Cornwell apresentou uma versão mais realista da lenda, não se deixando levar pelos romances feitos anteriormente. Apresentando uma obra fundamentada sobre fontes orais e escritas às crônicas apresentaram uma nova visão sobre uma velha lenda, criando uma narrativa descritiva rica em detalhes e adaptada para o período em que a história realmente retrata, com poucas adaptações referentes a localizações de estruturas e personagens.

Considerações Finais

“You write for yourself first. You write what you want to read.”

Nearly all historical novels, Cornwell explains, have a big story and a little story. “The big story goes into the background. The little story goes into the foreground. I always wanted to tell the big story, the creation of England, because nobody knows has a goddamned clue about it. I had the big story but not the little story.”

His books, he says, are “essentially adventure stories that are written against a background of war”. He adds that “war is a “marvellous gift to novelists because it gives you this huge drama dropped in your lap”.

Na história é comum reis serem lembrados por ações quase lendárias ou lendárias, como vencer batalhas com um número menor de soldados, como Leônidas e os seus trezentos guerreiros lutando contra o rei persa Xerxes, ou então a marcha de Alexandre através do Oriente Médio e da Ásia rumo ao “fim do mundo”. Nenhum deles tem mais mistério e lendas envolvidas do que Artur, o modelo de governante que se eternizou nos romances de cavalaria. As fontes históricas falam de batalhas que definiram a vida de uma geração, um guerreiro que unificou várias tribos sob a mesma bandeira e pelo mesmo objetivo, a vitória contra um invasor. Com o objetivo de garantir a paz para o seu povo ao mesmo tempo em que enfraquecia o seu inimigo, a literatura fala de um rei que governou através da espada e da fé, forjando um reino que seria uma revisão do paraíso na terra, um exemplo para ser seguido por todo governante.

A obra usada como base nessa pesquisa surge como um contraponto as versões mais famosas da lenda, ignorando boa parte das alegorias criadas para o personagem pelos mais diversos autores através dos séculos e criando o seu próprio universo. Baseando-se nas fontes que falam sobre o período e em estudos que descrevem como era a organização política e social daquele tempo. As Crônicas de Artur apresentam um personagem mais racional e centrado, sem influencia de cunho religioso, o mesmo não é um seguidor fiel de

uma religião e nem se deixa influenciar por decisões tomadas com bases religiosas. Tem as características próximas as de um governante laico, onde sua maior preocupação é como o modo de governo afeta a população e como enfrentar a crescente ameaça saxã.

Comparando algumas das diversas versões da lenda com as fontes e por consequência com a obra de Cornwell, fica clara a diferença na abordagem da história e na caracterização dos personagens. A mesma é escrita com uma riqueza de detalhes e de descrições do período, durante a pesquisa fui percebendo como as descrições das fontes se encaixavam com o cerne da narrativa, tanto as fontes escritas por Gildas e Nênio tem as suas informações como guias da obra. Apesar de ser uma obra de ficção a mesma não se deixa levar por caminhos que seriam incoerentes com o período histórico e procura ser o mais fiel possível. Uma das características do autor em suas obras é não distanciar-se do período com adaptações que tornariam os acontecimentos incoerentes, as Crônicas surgem como uma versão mais apurada de uma velha lenda, mostrando que apesar ser uma história com várias versões, foi revisitada e ganhou uma nova roupagem, narrando os acontecimentos de forma crível e embasada.

Fontes

CORNWELL, Bernard. O rei do inverno / Bernard Cornwell; tradução de Alves Calado. – 28ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015. – (As crônicas de Artur; v. 1) 546p.

CORNWELL, Bernard. O inimigo de Deus / Bernard Cornwell; tradução de Alves Calado. – 24ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015. – (As crônicas de Artur; v. 2) 518p.

CORNWELL, Bernard. Excalibur / Bernard Cornwell; tradução de Alves Calado. – 24ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015. – (As crônicas de Artur; v. 3) 532p.

Referências

ANDERSON, Perry. Passagens da antiguidade ao feudalismo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ANDRÉ, Willian; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. Lancelot: Heroi da literatura medieval ou mera caricatura do amor cortes?. In: VI JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 2007, Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2007/trabalhos/005.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

BANNIARD, Michel. A Alta Idade Média Ocidental. Lisboa: Europa América, 1980. 162 p. (Coleção Saber). Tradução de M. de Campos.

BRADLEY, Marion Zimmer. As brumas de avalon: A senhora da magia. 37. ed. São Paulo: Imago, 2008. 252p.

BRADLEY, Marion Zimmer. As brumas de avalon: A grande rainha. 37. ed. São Paulo: Imago, 2008. 232p.

BRADLEY, Marion Zimmer. As brumas de avalon: O gamo rei. 37. ed. São Paulo: Imago, 2008. 211p.

BRADLEY, Marion Zimmer. As brumas de avalon: O prisioneiro da arvore. 37. ed. São Paulo: Imago, 2008. 239p.

CAMARGO, Gustavo Ogando Insuela. Gênero e Medievalidades em “As Crônicas de Artur”: representações do medievo nos romances históricos contemporâneos. In: VIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2016, Feira de Santana. Disponível em: <http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477704532_A_RQUIVO_TextoAnpuh.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2018.

COELHO, Caio Fernando Flores. Aqui jaz Arthur: literatura arturiana no medievo e seu reflorescimento na idade contemporânea. In: FACES DA HISTÓRIA, Assis- SP, V.2, nº2, p. 42-60. 2015.

COSTA, Ricardo da. Textos Antigos e Medievais traduzidos. 1998. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

DONNARD, Ana. Celtas. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu. As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009. p. 117-130.

GILDAS. A Destruição Britânica e a sua Conquista. In: COSTA, Ricardo da (org.). *Testemunhos da História. Documentos de História Antiga e medieval*. Vitória: Edufes, 2002, p. 88-152

GIDLOW, Christopher; O reinado de Arthur: Da História à Lenda; tradução de Renata M.P. Cordeiro. São Paulo: Madras, 2005. 283p.

HARNDEN, Toby. **A Page in the Life: Bernard Cornwell**. 2011. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/8765565/A-Page-in-the-Life-Bernard-Cornwell.html>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

HISTÓRIA VIVA: As Guerras na Idade Média. Rio de Janeiro: Ediouro, 2015.

MILAZZO, Bernardo Luiz M.. IMPERIALISMO E ROMANIZAÇÃO: BRITÂNIA ROMANA E CAMULODUNUM. In: CANDIDO, Maria Regina. Roma e as sociedades da Antiguidade: política, cultura e economia. Rio de Janeiro, 2008. p. 9-14. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/4700779-Roma-e-as-sociedades-da-antiguidade.html>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

NENNIUS. A História dos Bretões. In: COSTA, Ricardo da (org.). *Testemunhos da História. Documentos de História Antiga e medieval*. Vitória: Edufes, 2002, p. 209-253

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. História da Educação, Pelotas, v. 7, n. 14, p.31-45, set. 2003. Semestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30220/pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

SILVA, Juliana Sylvestre da. “ A Matéria de Bretanha e a historiografia medieval: da *Historia Regum Britanniae* às primeiras crônicas peninsulares em língua romance”. / Juliana Sylvestre da Silva. - - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

TAYLOR, Robert Brian; PAES FILHO, Orlando (Org.). Crônica anglo-saxônica. Parte 1 (1-748 d.C.): Anglo-saxões. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/cronica-anglo-saxonica-parte-1-1-748-dc>>. Acesso em: 14 fev. 2018.